

ESTUDOS DE TERMINOLOGIA PARA A TRADUÇÃO TÉCNICA

Maria das Graças Kriegger*, Márcio Sales Santiago**

RESUMO

Os tradutores técnicos têm intensificado seu interesse pela Terminologia, buscando maior conhecimento sobre sua estruturação e funcionamento. Este artigo focaliza vários aspectos das relações entre Terminologia e Tradução Técnica, partindo da consideração de que não há comunicação especializada sem termos técnico-científicos. Postula-se ainda que a Terminologia, área sustentada por fundamentos linguísticos e textuais, pode oferecer ao tradutor conhecimentos teóricos e metodológicos que facilitem o tratamento terminológico. O artigo salienta problemas terminológicos que os tradutores de textos técnicos enfrentam em sua prática profissional, tais como: a identificação de termos e de sintagmas terminológicos, variações linguísticas, neologismos, fraseologias especializadas e metáforas. Sintetiza pesquisas voltadas ao léxico especializado, desenvolvidas sob a ótica dos estudos de Terminologia.

Palavras-chave: terminologia; tradução técnica; comunicação especializada.

ABSTRACT

Technical translators have intensified their interest in Terminology, searching for more knowledge about their structure and function. This paper focuses on various relational aspects between Terminology and Technical Translation, taking into account the premise that there is no specialized communication without technical and scientific terms. It also proposes that Terminology, a field of knowledge currently supported by linguistic and textual foundations, can offer translators the theoretical and methodological knowledge to facilitate the terminological treatment. The article emphasizes terminological problems faced by translators of technical texts in their professional practice such as the recognition of terms and terminological noun phases, linguistic variation, neologisms, specialized phraseology and metaphors. It also reviews research on specialized lexicon developed in the perspective of terminological studies.

Keywords: terminology; technical translation; specialized communication.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: mkrieger@unisinos.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e bolsista de Desenvolvimento Científico Regional do CNPq/Funcap no Programa de Pós-Graduação em Linguística, ambos da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: mssantiago12@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo procura traçar um panorama geral das motivações que inter-relacionam interesses da prática tradutória com problemas terminológicos. A Tradução Técnica e a Terminologia,¹ entendida como conjunto de termos de uma área de conhecimento especializado, possuem destinos cruzados já que não há comunicação profissional sem termos técnicos. Essa inevitável presença “terminológica” é, portanto, determinante das relações entre Tradução e Terminologia, cujo objeto primeiro de investigação são os termos de áreas técnicas, científicas e tecnológicas.

Por força dessa inseparabilidade, os tradutores de textos técnicos precisam saber lidar com as terminologias, o que não se resume a aspectos de equivalência tradutória como adiante será ilustrado. Antes, vale lembrar que apesar do grande papel da tradução técnica para a comunicação científica e técnica no plano internacional, até há muito pouco tempo, eram pouco frequentes as referências a problemas desse tipo de tradução. Isto se deve, em grande parte, à equivocada compreensão de que os textos de natureza técnica, centrados na comunicação das ciências, das técnicas e das tecnologias, não apresentam problemas tradutórios, em razão de sua objetividade e de seu princípio redacional de estarem isentos de ambiguidades. Essa característica seria decorrente de sua sintaxe que costuma ser direta, além do emprego da terminologia da área que, entendida como uma espécie de jargão, torna-se sempre rapidamente reconhecida.

Em razão dessas características e de seus fins comunicacionais explícitos, por muito tempo acreditou-se que o texto técnico é sempre de fácil tradução, equivalendo a uma espécie de processo mecânico de transposição de conteúdos, sem maiores complexidades. Associa-se a esses fatores a ideia de que o texto técnico é algo de menor importância, não possui a excelência qualitativa do texto literário, este tradicionalmente compreendido como a expressão máxima dos usos de uma língua.

No entanto, essa visão de “simplicidade” tradutória vem se alterando. Maior número de profissionais da tradução passou a lidar com textos técnicos no atual mundo globalizado, que é, sobretudo, caracterizado pelas trocas comerciais e pela aceleração do conhecimento científico e da inovação tecnológica. Na realidade, o texto técnico possui um papel primordial na comunicação do mundo contemporâneo, embora ele ainda seja muito pouco contemplado pelas teorias e pela didática da tradução, cujo protótipo ainda são os textos literários (POSSAMAI, 2004).

Entretanto, nesta última década, cada vez mais, os profissionais da tradução buscam entender e explicar estruturas lexicais e sintagmáticas que estão presentes e mesmo caracterizam determinados gêneros textuais como textos científicos, relatórios, contratos entre outros casos de manifestação de linguagens especializadas.

Vinculados à presença e funcionamento dos termos, vários outros aspectos e componentes dos textos especializados estão relacionados à atividade tradutória e à redação final do texto na língua de chegada. Diante disso, muitas pesquisas tanto de natureza linguística, em especial sobre sintagmas terminológicos, quanto textual têm sido motivadas e desenvolvidas à luz dos interesses do fazer tradutório sobre textos especializados.

Como se pretende referir alguns desses estudos, uma consideração particular merece atenção, ou seja, serão relatadas investigações que nasceram no âmbito de estudos terminológicos e não específicos de tradução. Trata-se, portanto, de um olhar da Terminologia em direção à tradução, sendo esta prática a grande motivadora de muitos estudos sobre os termos técnicos.

¹ No texto, grafa-se Terminologia com inicial maiúscula para se referir ao campo de estudos; já com inicial minúscula, refere-se ao conjunto de termos de uma dada área.

Como não há comunicação especializada sem termos técnico-científicos, explica-se também que os tradutores técnicos busquem na Terminologia, enquanto campo de estudos, fundamentos teóricos capazes de explicar a constituição e o funcionamento dos termos. Trata-se de descrições de problemas terminológicos identificados por profissionais da tradução, o que assinala um modo distinto de enfrentar os desafios que a tradução técnica também apresenta.

2 TERMINOLOGIA: CAMPO DE ESTUDOS

Como fenômeno da linguagem, a terminologia é bastante antiga, visto que desde que o ser humano se manifesta através da comunicação, encontra-se diante de comunicações especializadas. Rondeau (1983) lembra que os vocábulos especializados já eram utilizados pelos povos das civilizações antigas, a exemplo dos filósofos gregos e dos comerciantes cretenses.

Em paralelo, a segunda metade do século XX assiste ao surgimento da Terminologia como área de conhecimento, cuja identidade está vinculada ao seu objeto central de investigação teórica e de trabalhos aplicados: os termos técnicos, científicos e tecnológicos, também conhecidos como unidades lexicais especializadas. Conforme afirma Depecker (2004), estas unidades são assim denominadas pois se constituem e são utilizadas no âmbito de atividades que envolvem conhecimentos especializados.

A consolidação da Terminologia como disciplina científica deve-se a Eugen Wüster, engenheiro austríaco criador da Teoria Geral da Terminologia (TGT) e responsável pela origem da chamada Escola de Viena. Surgida em torno dos anos 1960, esta teoria se define no âmbito da Linguística Aplicada, conforme ele mesmo proferiu no III Congresso Internacional de Linguística Aplicada:

Pertencer à linguística aplicada é precisamente o que caracteriza, em larga medida, o estudo geral da terminologia. [...] Ela vai além da linguística por reunir conhecimentos linguísticos em todos os domínios da vida e torná-los úteis a todos os domínios da vida (WÜSTER, 1974 apud KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 21).

Ao apontar a relação da Terminologia com todos os domínios da vida e sua conseqüente utilidade, Wüster entende que os termos técnico-científicos cumprem as funções essenciais de representar e de transmitir conhecimentos especializados em todos os campos do saber técnico, científico e tecnológico. Compreende também que a vocação da Terminologia está associada à missão de controlar e harmonizar os usos dos termos em nível mundial.

De modo distinto, os estudos terminológicos atuais superaram objetivos normativos, passando a desenvolver descrições sobre os termos, baseados em postulados da ciência da linguagem. O foco maior reside na compreensão de que um termo técnico-científico comporta-se como qualquer outra unidade lexical de um idioma, seguindo as regularidades típicas dos sistemas linguísticos e sofrendo os efeitos que atingem as palavras em discurso. Comportam, pois, variações, sinonímias, ambigüidades, entre outros aspectos.

A face linguística que a Terminologia passou a assumir representa uma profunda contraposição à Escola de Viena. O antagonismo entre princípios normativos, adotados pela TGT, e os de natureza descritiva da Terminologia de fundamento linguístico-comunicacional, é também revelador de propósitos pragmáticos distintos: estabelecer bases metodológicas com propósitos de aplicação e de controle dos léxicos temáticos contrapõe-se aos fins investigativos que caracterizam os procedimentos da ciência da linguagem.

Ademais, a TGT privilegiou a dimensão conceitual do termo, caracterizando-o somente como unidade cognitiva. Em contraponto, as teorizações de fundamento linguístico postulam os

termos como elementos naturais das línguas naturais e, em decorrência, como unidades linguístico-pragmáticas que participam da constituição dos discursos científicos e técnicos. Tal posicionamento, de nenhuma forma, invalida a perspectiva básica de que uma unidade lexical assume valor de termo em razão de seu conteúdo integrar um campo especializado de conhecimento científico, técnico ou tecnológico. É apenas essa fronteira que separa palavras e termos.

Essa concepção epistemológica, central na Terminologia nascida para descrever e explicar o termo, e não para padronizá-lo, explica também, em muito, a ampliação de percursos investigativos da área. Com isso, desenvolveram-se teorias que procuram descrever os três componentes constitutivos do termo: o aspecto linguístico propriamente dito, sua dimensão conceitual e a dimensão comunicativa que se materializa nos textos que veiculam conhecimentos especializados.

No bojo dessas proposições, estão postulados e teorias que enfatizam diferentes aspectos da problemática dos termos, tal como atestam a Socioterminologia (GAUDIN, 1993), a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TEMMERMAN, 2000), e, sobretudo, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), desenvolvida por M. Teresa Cabré e pesquisadores do Grupo IULATERM.² Esta última postula que o termo é uma unidade complexa, poliédrica, que enfeixa três ângulos básicos: o linguístico, o cognitivo, o comunicacional (CABRÉ, 1999). Tal constituição, centrada na sua funcionalidade de representação e transmissão de conhecimentos especializados, permite caracterizar o termo como item lexical especializado, conformando-o como signo linguístico. Ou seja, assim como a palavra, o termo contém significante e significado e é o componente nuclear da comunicação profissional especializada.

Em síntese, equaciona-se uma importante alteração epistemológica da área, determinada e orientada por três focos centrais:

- a) a introdução dos postulados linguístico-descritivos na Terminologia, o que a tornou, em definitivo, uma área da ciência da linguagem;
- b) a concepção de que o termo, junto à sua dimensão cognitiva, é uma unidade linguístico-pragmática, devendo ser examinado em seus contextos de ocorrência;
- c) a compreensão de que a comunicação especializada é o *habitat* das terminologias, o que determina a aproximação com estudos textuais e discursivos e mesmo o avanço do conhecimento sobre os componentes estruturadores das linguagens de especialidade.

A face linguístico-textual da Terminologia passou a apresentar muitos desdobramentos, tanto sob o prisma da pesquisa teórica quanto da aplicada. Daí porque se tornou um campo de investigação de interesse maior dos tradutores.

3 INVESTIGAÇÕES TERMINOLÓGICAS PARA A TRADUÇÃO

Desde os últimos anos do século XX, as pesquisas relacionadas à Tradução, além de atitudes descritivas próprias da Linguística, têm também se intensificado à luz de proposições e teorias como a Linguística Textual, a Retórica Contrastiva e a Linguística de *Corpus*, entre outras que se tornam de interesse para a prática tradutória. Mais ainda, os estudos entre *corpora* paralelos, ao permitirem cotejar o funcionamento dos sistemas linguísticos com os quais o tradutor trabalha, tornaram-se mais efetivos com o desenvolvimento das atuais tecnologias informáticas. Com elas, o tradutor pode facilmente acessar extensos conjuntos de textos, com temáticas e gêneros que lhe interessam, junto a outras necessidades informativas. Além dos *corpora*, encontra à sua disposição

² Grupo de pesquisa em léxico, terminologia, discurso especializado e engenharia linguística do Instituto Universitário de Linguística Aplicada, da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona.

recursos variados como os que, via internet, auxiliam no reconhecimento da frequência de ocorrências lexicais e sintagmáticas.

Todo esse suporte tecnológico que permite ver a língua em funcionamento, não somente impulsiona descrições comparativas, como pode ser associado ao fato de que diminuem os trabalhos acadêmicos de crítica pura a traduções já realizadas. Embora a análise crítica identifique importantes hábitos consagrados nas práticas tradutórias, observa-se uma forte preocupação em reconhecer como orientação do fazer profissional, por exemplo, causas de escolhas lexicais, de estruturas fraseológicas e de modos da produção textual especializada, seja em relação aos textos originais, seja aos da língua de chegada.

Ao mesmo tempo em que cresce o número de investigações desenvolvidas no marco dessa tendência descritiva e comparativa, as proposições e os resultados têm ficado ainda muito dentro dos muros acadêmicos, daí a importância de divulgá-los para que possam ser compartilhados e ainda inspirar novos desenvolvimentos. Como ilustração de problemáticas que afetam e mesmo dificultam as práticas tradutórias, algumas investigações sobre termos e textos e sua relação com a tradução são agora referidas, já que, de algum modo, contribuem para suprir a lacuna de investigação sobre as especificidades dos textos especializados.

A despeito das inter-relações naturais entre léxico e texto, dois eixos são considerados em separado: o lexical, referente à terminologia, e o textual, relativo a diversos componentes da tessitura da comunicação especializada, incluindo o funcionamento discursivo dos idiomas.

No plano dos termos técnico-científicos, dois aspectos retêm a preocupação dos tradutores e estão relacionados à configuração e à constituição formal das terminologias: a indistinção formal entre léxico comum e léxico especializado e a composição sintagmática dos termos. Aos poucos, as fronteiras entre léxico comum e léxico especializado perderam a rigidez, deixando a terminologia de se constituir como uma língua à parte, um tipo de jargão formado, em geral, por componentes gregos e latinos. É assim que palavras da língua comum são usadas com valor especializado, o que determina seu estatuto terminológico, a exemplo de *casa*, “lugar onde se mora” de acordo com a língua comum, mas “bem inviolável” no discurso especializado do universo jurídico. Dessa forma, é recorrente que itens lexicais que integram essas unidades não mais se distingam do léxico comum das línguas, como comprovam os verbetes dos dicionários monolíngues que assinalam as marcas de uso.

O outro problema reside no fato de que os termos, em sua grande maioria, constroem-se como unidades poliléxicas. O reconhecimento dessas estruturas composicionais é um dos aspectos necessários ao tradutor na sua busca de equivalências adequadas. Dependendo da língua em que o texto meta será formulado, os problemas podem recrudescer, caso da relação alemão e português, tendo em vista a estruturação morfológica dos sintagmas em alemão. Tudo isso traz importantes consequências para a tradução, já que é necessário ter domínio do léxico especializado, reconhecendo seus limites formais, para evitar equívocos de seleção de equivalentes.

Um outro foco de natureza lexical muito problemático para a tradução situa-se nas criações neológicas, que, cada vez mais, são empregadas nos vários âmbitos do saber técnico, científico e tecnológico. O surgimento de novas terminologias, fenômeno que ocorre especialmente no mundo atual por conta do grande avanço das ciências e das técnicas, demonstra que o componente léxico das línguas é dinâmico e a lexicografia, tanto geral quanto especializada, não alcançam seu registro sistemático.

Desse modo, a ausência de palavras e de termos nos dicionários não representa obrigatoriamente imperfeições lexicográficas. Há regras de frequência de uso e de permanência de um item lexical em uso coletivo para que ele seja merecedor de registro dicionarizado. Logo, o tradutor

nem sempre conta com o apoio dos instrumentos clássicos de consulta como os dicionários, glosários e léxicos, devendo buscar as inovações do léxico em outras fontes bibliográficas:

De fato, entre o aparecimento de uma nova palavra ou termo e seu registro nos dicionários, nos glossários ou mesmo nos bancos de dados, há um lapso de tempo relativamente grande. No entanto, em que pese essa assincronia, o tradutor sempre premido pelo tempo e pelas circunstâncias de sua atividade profissional, é obrigado a oferecer na língua de chegada um equivalente para a língua de partida (REUILLARD, 2007, p. 9-10).

Traduzir neologismos é uma realidade de que o tradutor não pode prescindir e, sem dúvida, consiste em um dos seus grandes desafios, já que leva o profissional a uma situação limite: propor a um neologismo original uma correspondente criação neológica na língua de chegada.

Para Hermans e Vansteelandt (1999) trata-se, no primeiro caso, da existência de uma neologia primária, cuja correspondência é a neologia tradutória, conforme denominam. Esses mesmos autores afirmam ainda que

Embora um tradutor isolado não crie diariamente neologismos e só se ocupe de uma parte da neologia, ou seja, a neologia terminológica ou denominativa, o mundo da tradução desenvolve uma atividade neográfica variada e múltipla, sobretudo nas áreas em que a neologia primária é também abundante (HERMANS; VANSTEELANDT, 1999, p. 32).

De fato, os tradutores devem produzir na língua de chegada um texto com as mesmas funcionalidades que o texto da língua de partida. O valor ligado ao neologismo, frequentemente assinalado no microcontexto da língua de partida, isto é, no conjunto das informações veiculadas pela frase ou pelo parágrafo, requer frequentemente um neologismo paralelo na língua de chegada, o que nem sempre existe, devendo o tradutor buscar outras soluções.

A consciência da funcionalidade dos neologismos e das preocupações em produzir um texto na língua meta com bases cognitivas corretas e com características linguísticas e pragmáticas adequadas explica por que muitos tradutores sentem necessidade de aprofundar seus conhecimentos na área temática de sua tradução, bem como de encontrar diretrizes e princípios que fundamentem as proposições de suas criações neológicas. Esse fazer tradutório reflexivo pode ser ilustrado com o estudo de Reuillard (2007), intitulado “Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias”, cujo foco é a descrição das regras de criação desses neologismos em francês como forma de orientar o processo de tradução neológica em português. Para tanto, foram identificadas as regras morfológicas e as estratégias fonéticas comumente empregadas pelo psicanalista francês Jaques Lacan em seus inovadores neologismos. É interessante observar que, ao contrário do que se supunha, os resultados das análises mostraram que a terminologia lacaniana não foge dos parâmetros gerais de constituição morfológica do português, havendo, inclusive, um predomínio de derivação prefixal e sufixal, que são as formas mais recorrentes da produtividade lexical na linguagem comum.

De toda forma, a tradução da linguagem de Lacan é extremamente complexa, tendo em vista que sua teoria psicanalítica é fundada sobre o papel e a autonomia do significante. Tal concepção é marcada em seus escritos que não se restringem a uma constituição tradicional do texto científico, mas adquirem muitas características da linguagem literária. Cabe assim ao tradutor profissional respeitar essas especificidades, encontrar os equivalentes adequados e funcionais à proposta lacaniana, sem descuidar das condições de uso da língua portuguesa, bem como das condições de recepção do texto traduzido. É nessa direção que, no estudo citado, um dos princípios

tradutórios essenciais diz respeito às tradições que presidem a criação dos termos na especialidade considerada:

Como cada disciplina tem seu sistema nocional e suas matrizes terminogênicas que a fazem privilegiar certas leis de construção dos termos, caberá ao tradutor respeitar esse sistema e criar neologismos a partir das mesmas matrizes. Na Psicanálise, por exemplo, há uma tendência à criação de novos substantivos a partir da substantivação do participe présent em francês, que termina por -ant: analysant e não analysé, psychanalysant e não psychanalysé, para marcar claramente o papel ativo daquele que se engaja em uma análise. O tradutor que optar por ‘paciente’, ‘analisado’ ou ‘psicanalisado’ demonstrará desconhecimento das matrizes terminogênicas dessa área de conhecimento e da diferença de conceito que sufixos diferentes criam (REUILLARD, 2007, p. 174).

A autora enfatiza ainda que somente a análise detalhada de cada criação lexical poderá indicar o melhor caminho, sublinhando que a primazia dada ao significante, sem descurar do significado, aliada ao emprego, independente ou combinado das modalidades tradutórias, produz dois resultados: o respeito à concepção lacaniana da linguagem sob todos os seus aspectos e o estabelecimento de bases confiáveis e sustentáveis para propor equivalentes para as criações neológicas lacanianas.

No âmbito geral dos problemas de neologia para a tradução, Estopá (2014) confirma as dificuldades do tradutor. Lembra que nas traduções de textos mais atuais de ciência, técnica entre outros campos, é comum ainda não haver um termo na língua de partida:

Ante esta adversidad, el traductor tiene que buscar una solución léxica adecuada y precisa, equivalente, semánticamente y pragmáticamente, al término usado en la lengua de partida; y esta solución en muchas ocasiones genera una propuesta neológica (ESTOPÁ, 2014, p. 98).

A compreensão das muitas variáveis envolvidas na tradução expressa a importância de que se somem princípios da prática tradutória ao conhecimento de formações linguísticas peculiares de um autor, de uma área profissional ou de um gênero. Essa união constitui-se em um bom percurso metodológico, pois oferece resultados que orientam a seleção de estruturas na língua de chegada, considerando também o estilo do autor, o modo de comunicação das áreas profissionais entre outros aspectos que os Estudos da Tradução costumam referir ao sublinhar a feição constitutiva do texto traduzido de forma competente. Dessa forma, as soluções tradutórias oferecidas tendem a apresentar um nível de coerência global, vale dizer, para problemas semelhantes, soluções semelhantes, refletindo, portanto, um fazer reflexivo.

Outra ilustração referente a problemas de tradução está na tese doutoral de Suárez de la Torre (2004). A investigação, motivada também por inquietações profissionais da tradução do par inglês/espanhol, centraliza-se no fenômeno da variação linguística, entendido como a presença de formas léxicas distintas para referir um mesmo conceito. Este fenômeno é comum à comunicação em todas as línguas e, diferentemente da sinonímia, que se limita a uma aproximação semântica, a variação, a rigor, tem valor de equivalência semântica, constituindo-se apenas em diferentes formas de denominar o mesmo referente, independente de sua natureza abstrata ou concreta.

A variação está diretamente relacionada a três diferenças básicas: aquelas existentes entre os dizeres regionais, a exemplo do espanhol peninsular e americano, entre os modos de expressão de profissionais e leigos, como o médico e seu paciente, e entre pessoas de gerações diferentes, como velhos e jovens. Em princípio, todos esses sujeitos têm em mente a mesma realidade, mas

a denominam diferentemente, à sua maneira. Desse modo, tais distinções, teoricamente, não deveriam acarretar diferenças semânticas, já que se trata apenas de denominações distintas. No entanto, a equivalência absoluta de significados não pode ser completamente garantida, já que palavras, termos e expressões distintas tendem a expressar nuances peculiares. Este é um tipo de problemática bastante complexa, que, há muito tempo, integra discussões filosóficas e linguísticas, ganhando destaque na semântica cognitiva.

Tendo em vista esse tipo de problema, no âmbito da Terminologia, costuma-se compreender a existência de variação denominativa em contraponto à variação conceitual que, por sua vez, está vinculada a perdas de densidade semântica. Este fenômeno ocorre quando, por exemplo, um mesmo conceito é compreendido ou transmitido por um especialista ou por um leigo. Assim, o uso de variantes lexicais termina por produzir efeitos sobre a linguagem e a semântica da comunicação especializada, razão pela qual o tema da variação linguística é pertinente ao universo das práticas tradutórias. Acrescente-se ainda que a variação é um fenômeno linguístico-discursivo na medida em que resulta do uso da linguagem. Em realidade, a variação é um componente intrínseco do funcionamento dos discursos sejam eles gerais, sejam de caráter técnico-científico.

No caso do estudo referido, a autora realiza uma análise contrastiva em textos de inglês/espanhol, com o objetivo de verificar o modo como os tradutores lidam com a variação linguística. Para tanto, observa se há um tratamento igualitário da variação denominativa na passagem do texto original para o texto meta. Na busca da coincidência ou não desse fenômeno, privilegia o que chamou de variação denominativa explícita, conceito associado à presença de um marcador explícito:

En concreto, los marcadores discursivos (called, know as, that is, llamado, denominado, etc.) indican un proceso de reinterpretación textual mediante el cual un locutor determinado retoma algún elemento discursivo anterior explícito, y lo presenta de un modo distinto (SUAREZ, 2004, p. 70).

Ao intentar identificar, inclusive, as razões de determinadas escolhas, leva em conta no exame do processo tradutório, intenção comunicativa do texto original, destinatário, lugar e data de produção, entre outros componentes.

Entre os muitos resultados do estudo, as conclusões evidenciam que, em geral, não se mantém o mesmo tratamento de variação na passagem do texto original ao traduzido que, nessa medida, tende a não apresentar os mesmos recursos morfológicos. Foi também observado que a introdução de uma variante léxica é uma alternativa que produz mudanças de significado, obstaculizando a relação de equivalência absoluta. De modo específico, a mudança de um marcador explícito de variação por uma expressão que não consiste em um operador de metalinguagem conduz a uma alteração do texto, traz prejuízos à progressão textual e afeta a coesão do texto meta. Assim, ao reduzir o nível de explicitação no texto meta, as escolhas do tradutor podem trazer dificuldades ao desenvolvimento cognitivo do destinatário na compreensão da comunicação especializada. Em síntese, variações redutoras e inadequadas prejudicam o projeto cognitivo do autor, bem como determinam perda da força elocutiva do texto original.

Em razão dos impactos sobre a tradução decorrentes do uso das variações linguísticas, o interesse por esse fenômeno tem se concretizado em muitas pesquisas. De fato, a variação denominativa e a conceitual consistem em conceitos importantes para o tradutor, pois interferem tanto no perfil linguístico e pragmático do texto original, quanto em sua constituição semântica com repercussões na conseqüente transposição de conteúdos de uma língua a outra.

Relacionadas a problemas dessa ordem, sempre enfrentados na atividade tradutória que visa à adequação textual, à precisão conceitual e à consequente confiabilidade da recepção do destinatário, também têm se intensificado investigações comparativas entre textos de idiomas diferentes. Tais estudos, como já referido, têm sido impulsionados, marcadamente, pela Linguística de *Corpus* e pela Retórica Contrastiva. A primeira dessas duas áreas, que pode ser entendida mais como uma abordagem produtiva dos dados linguísticos, fundamenta-se na compreensão de que a língua é um evento social comunicativo. Assim, a Linguística de *Corpus* objetiva a descrição empírica da língua em uso, tomando por base grandes conjuntos de textos autênticos, selecionados e organizados com critérios pertinentes à investigação proposta. Esta abordagem dos fatos da linguagem tem se tornado uma espécie de ferramenta indispensável à investigação com fins tradutórios.

Com preocupações que envolvem a boa recepção textual, e também relacionada à aproximação das principais formas lexicais e discursivas entre o português e o alemão em casos de tradução de textos semiespecializados na área do Meio Ambiente, inscreve-se a pesquisa de Kilian (2007). Esse estudo privilegiou a categorização de formas de retomada, cujo conceito aplica-se ao modo como uma mesma noção é expressa ao longo de um mesmo texto.

Para tanto, a autora desenvolveu um estudo comparativo, buscando, em primeiro plano, “verificar as estratégias privilegiadas pelo tradutor em relação à variação terminológica, encontrada no texto original” (KILIAN, 2007, p. 225). A importância desse conhecimento para o tradutor justifica-se plenamente já que o uso indiscriminado da variação afeta a coesão do texto meta.

Além da variação discursiva, outros aspectos foram ainda estudados e analisados, abrangendo a problemática da redução na composição de sintagmas nominais complexos, quando empregados em um mesmo texto. A análise mostrou que há menos redução nos textos em alemão do que nos redigidos em português, resultado que favoreceu a reflexão sobre as causas que levam a essa característica da produção germânica. Embora essa característica fosse presumível, praticamente, inexistem estudos específicos sobre a língua alemã e menos ainda sob o foco da relação comparativa dos textos em alemão com modos correspondentes de expressão no português do Brasil.

Nesse panorama, é interessante ainda lembrar de alguns temas atuais de relevância para os tradutores. Neles, alinham-se a problemática da fraseologia especializada e a presença de metáforas nos textos especializados.

A noção de fraseologia especializada está ligada à transmissão e à compreensão do conhecimento de uma área de especialidade. Cumpre destacar que este tipo de fraseologia pode apresentar configurações variadas, mas jamais chega à estrutura da frase, razão pela qual se situa entre a frase e o termo. Está aí a importância de se identificar esse tipo de estrutura linguística, tarefa bastante complexa, mas essencialmente necessária em uma tradução que envolve linguagem especializada.

A Terminologia busca, portanto, dar conta da identificação ao definir características e tentar estabelecer limites entre sintagmas terminológicos e unidades fraseológicas especializadas. Por sua vez, o foco maior para a tradução é a escolha da fraseologia especializada equivalente que seja mais adequada a cada uso profissional. Nessa perspectiva, o estudo da fraseologia especializada é importante para a Tradução, pois no trabalho tradutório há transposição de significados de uma língua para outra. Considerando esse fato, o tradutor se depara muitas vezes com dificuldades em traduzir expressões características dos dizeres profissionais, como *baixar o arquivo*, típica da Informática, e *fazer febre*, oriunda da área médica.

Como se percebe, as questões que envolvem a fraseologia especializada estão presentes na relação existente entre a prática terminológica e a prática tradutória. Dessa forma, o tradutor encontra-se diante de uma questão semântica relevante, já que as fraseologias têm um sentido que nem sempre depende do somatório dos elementos que as constituem.

No que concerne à metáfora, Temmerman (2009, p. 219) define seu interesse “em investigar o possível impacto da teoria do modelo cognitivo metafórico na teoria terminológica e, ainda, verificar de que maneira os tradutores de textos científicos poderiam ser instruídos a lidar com as lexicalizações metafóricas”. A preocupação com essa problemática deve-se ao fato de a autora compreender que “o reconhecimento de que as neolexicalizações metafóricas na ciência podem ser elementos fundamentais no processo de uma disciplina tem implicações no treinamento de tradutores de textos científicos” (TEMMERMAN, 2009, p. 232).

De fato, há pouco tempo, passou-se a reconhecer a metáfora como algo presente nos textos científicos. Na realidade, trata-se de um fenômeno definido por Temmerman como multidimensional, compreendendo aspectos linguísticos, semânticos e culturais, cujo reconhecimento tem implicações no fazer tradutório dada sua grande repercussão na escolha de equivalentes.

Em face da importância dessas questões envolvendo léxicos terminológicos para a prática tradutória, evidencia-se que a Tradução, contrariando o que tradicionalmente se julgava, não se resume a um facilitado e mecânico processo de transposição de mensagens. Esta visão equivocada responde, em grande parte, pela carência de estudos descritivos sobre o tema, fazendo com que ainda exista muito pouco material de base para um trabalho prático e teórico sobre a tradução técnica e científica. No entanto, além de se valerem dos recursos informatizados, os tradutores que buscam realizar uma prática reflexiva têm revertido essa concepção inadequada e contribuído muito para o avanço de pesquisas direta ou indiretamente relacionadas aos termos e aos textos especializados, que são o *habitat* natural das terminologias. Ao mesmo tempo, encontram soluções metodológicas que lhes permitem superar cada novo impasse tradutório. Dessa forma, Terminologia e Tradução estão traçando um grande e produtivo percurso de mão dupla.

REFERÊNCIAS

- CABRÉ, M. T. *La Terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- DEPECKER, L. La terminologie est-elle une science? In: Colloque La terminologie discipline scientifique. *Actes...* Paris: Société Française de Terminologie/Université de Paris III, 2004. p. 11-18.
- ESTOPÀ, R. La formación en neología, peldaño fundamental para la autonomía del traductor especializado. IN: VARGAS SIERRA, C. (Ed.). *TIC, trabajo colaborativo e interacción en Terminología y Traducción*. Granada: Editorial Comares, 2014. p. 97-103.
- GAUDIN, F. *Socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.
- HERMANS, A.; VANSTEELANDT, A. Néologie traductive: nouveaux outils pour la néologie. *Terminologies nouvelles*, n. 20, 37-43, 1999.
- KILIAN, C. K. *A retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos: uma contribuição para a tradução técnico-científica*. 247f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- POSSAMAI, V. *Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês: um*

estudo sob perspectiva da tradução. 165f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

REUILLARD, P.C.R. *Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias*. 227f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Québec: Gaëtan-MorinÉditeurs, 1983.

SUÁREZ DE LA TORRE, M. M. *Análisis contrastivo de la variación denominativa en textos especializados: del texto original al texto meta*. 381 f. Tesis (Doctorado en Lingüística Aplicada), Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2004.

TEMMERMAN, R. Modelos metafóricos e a postura do tradutor frente a textos científicos. *CADERNOS DE TRADUÇÃO*, n. 25, p. 217-234, 2009.

_____. *Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.